



PRISCILA DÓREA

Memória viva de parte da história de Salvador e relicário colonial, o Solar do Unhão e seu conjunto arquitetônico de casa grande, capela, chafariz, senzala e cais, testemunharam séculos de transformações internas e no entorno. Desde 1960, o complexo abriga o Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM-BA), equipamento cultural que fez 65 anos em 2025 e, ao longo de décadas, enche a imponente construção de arte, cor e música.

Os primeiros registros da ocupação daquele terreno datam do século XVI, quando a área era propriedade de Gabriel Soares de Sousa, português dono de plantações e gado. Nas horas vagas, ele escrevia crônicas sobre a vida na colônia. De origem obscura, mas enriquecido ao ser favorecido por Tomé de Souza de quem, suspeitava-se era um filho bastardo, morreu em expedição pelo rio Paraguaçu e deixou o terreno para os monges beneditinos.

O complexo foi construído ao longo dos séculos XVII, XVIII e XIX como um empreendimento agroindustrial urbano similar aos engenhos de açúcar, mas nunca foi comprovado o uso para esse fim. Na época, todo o insumo alimentar chegava à cidade pelos rios e mar.

"O arquiteto Paulo Ormino, que foi aluno de Lina Bo Bardi [a criadora do MAM], fala que o Solar do Unhão foi o primeiro embrião de porto de Salvador, por isso a presença de trilhos dentro dele, assim como de engrenagens para içar cargas e do teto alto para estruturar o armazém. Os barcos vinham pelo Paraguaçu, chegavam à Baía de Todos-os-Santos e aportavam no solar, onde os alimentos eram armazenados e distribuídos", conta, Adson Brito, que atua como mediador cultural do MAM.

O solar foi residência de muitas famílias ao longo dos séculos. O desembargador Pedro de Unhão Castelo Branco, que emprestou o sobrenome ao casarão, morreu ali em 1690. No começo de 1700, o local foi comprado por José Pires de Carvalho e Albuquerque, que estabeleceu morgado, vínculo perpétuo sobre os bens para que fiquem em posse da mesma família. O filho dele, Salvador Pires de Carvalho e Albuquerque, o sucedeu em 1759.

Já no século XIX, em 1816, o suíço Meuron instalou uma fábrica de rapé no solar, que funcionou até 1926. Ainda em 1853, Antônio Joaquim Pires de Carvalho e Albuquerque, Visconde da Torre de Garcia D'Ávila, ao morrer legou a propriedade à filha, que era casada com Antônio Moniz Barreto de Aragão, o primeiro Barão de Mataripe. A propriedade só foi vendida em 1917, para Clemente Pinto de Oliveira Mendes. Em 1928, ele a passou para Valeriano Porfírio de Souza, que transformou o local no trapiche Santa Luzia. Foram os descendentes de Porfírio que venderam o solar para o Estado.

"Durante as media-

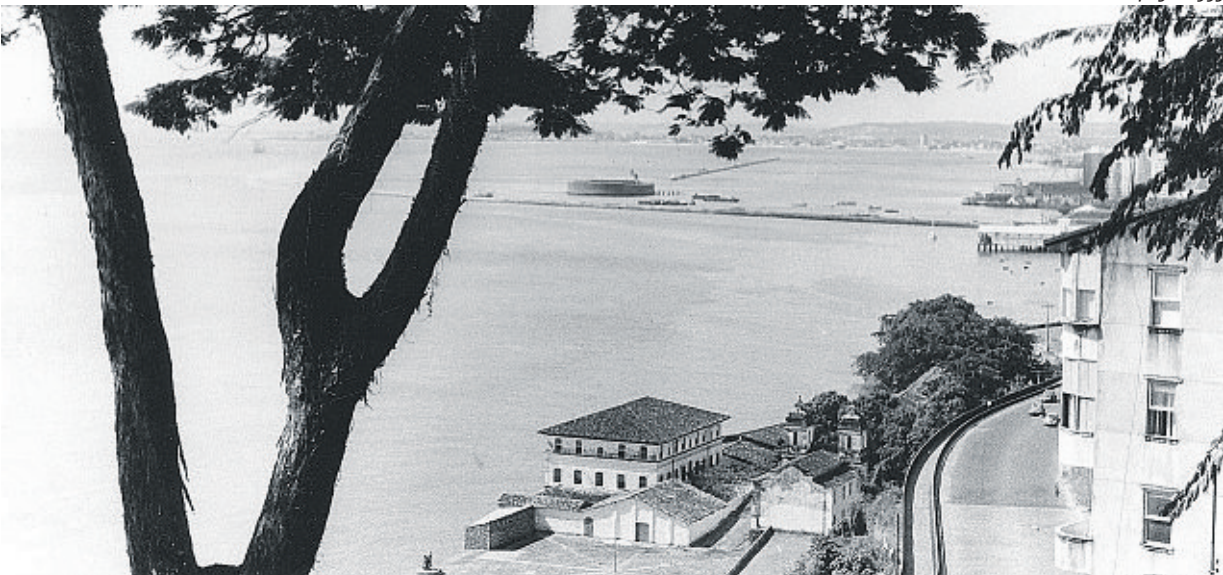
Solar do Unhão COMO UM SÍMBOLO COLONIAL ABRAÇA A MODERNIDADE

CULTURA Museu de Arte Moderna da Bahia funciona há 65 anos no casarão, que já foi residência de nobres, fábrica de rapé e quase derrubado em reforma urbana



Cedoc A TARDE / 11.4.1981

Casarão do conjunto arquitetônico do Unhão foi residência de diversas famílias entre os séculos XVII e XIX



Cedoc A TARDE / 23.10.1993

Projeto original previa derrubada, mas avenida acabou seguindo contorno da encosta do solar

ções que faço, costume brincar que o Solar era como uma casa de praia para as pessoas do século XVIII e XIX, mas

também home office, porque muitas moravam e cuidavam dos negócios", conta Adson Brito, que é professor.

O tombamento do conjunto ocorreu em 16 de setembro de 1943, incluindo o antigo portão de entrada, rampa de acesso, parque, aqueduto, capela e duas fontes de água doce.

Ameaçado

No fim da década de 1950, o Solar do Unhão correu o risco de desaparecer. E o perigo não vinha do mar que salga as suas paredes há séculos. Com a cidade em expansão, planejou-se construir a Avenida Lafayette Coutinho, mais conhecida como Contorno, para ligar o Comércio à Barra. No meio do planejamento, porém, havia o solar. O projeto original previa uma das pistas passando entre o casarão e a capela e a outra onde estavam o aqueduto e a fonte, o que provocou forte reação da sociedade e imprensa.

A edição de A TARDE de 26 de maio de 1960 destaca o caso - "Amea-

çado Solar Unhão pela Avenida Contorno" - na chamada da reportagem. Logo abaixo, na linha de apoio, o texto ressalta o 'absurdo' da então Secretaria de Viação considerar "dispendioso o projeto que preserva o conjunto. A bela construção, relíquia arquitetônica do passado, está tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico do país e não deve ser prejudicada".

A reportagem ouviu o então chefe do 2º Distrito do Patrimônio Histórico na Bahia, Godofredo Filho, que se declarou em alerta máximo. "Nosso interesse é só o de saber como ficarão à margem dessa provável avenida os monumentos que nos cabem preservar, para entregá-los aos vindouros como os recebemos de nossos antepassados, pois mais por eles que por quantas avenidas novas ou prédios de nove andares, é que a Bahia supera outras cidades do Brasil e tornou-se conhecida, estudada, vivida e amada", opinou o professor.

No dia seguinte, 27 de maio de 1960, A TARDE publicou outra reportagem. Intitulado "Relíquia histórica e artística não pode ser atingida pela Avenida de Contorno", o texto aponta que o Solar do Unhão "era um depósito de séculos de nossa história". Godofredo Filho foi ouvido novamente e ressaltou: "Que os nossos deputados e senadores, os bahianos sobretudo, se lembrem disso (...) monumentos de nossa arte e padrões de nossa história são consumi-

dos pelo descaso dos homens e a indiferença do tempo", sentenciou.

Reinventado

Tudo mudou quando a arquiteta ítalo-brasileira Achillina Bo, mais conhecida como Lina Bo Bardi, foi convidada pelo então governador Juacy Magalhães, em 1959, para implantar um museu de arte moderna na Bahia. No mesmo ano ela propôs a restauração do Solar do Unhão, onde instalaria um Museu de Arte Popular que dividiria o espaço com o de arte moderna. A primeira exposição aconteceu em janeiro de 1960, no foyer do Teatro Castro Alves, sede provisória.

"Quando ela é convidada para criar o MAM, foi motivada por muitos outros artistas, como Pierre Verger, Carybé e Martim Gonçalves. Entre as mais notáveis intervenções que fez no solar, há a instalação de muxarabins, espécie de tela que favorece a luminosidade e a ventilação", explica Adson.

E a escada, claro. Para o mediador e muitos visitantes do MAM, a escada dentro do casarão onde as exposições temporárias ficam é uma das mais belas intervenções de Lina. "Além de utilitária, é a escada que pauta a relação [do passado com o presente] sem separatismo. É o colonial, é o erudito e é a história desse espaço. Lina espelha a engenharia do carro de boi e faz essa escada toda encaixada em hélice que, inclusive, comunica com a atual exposição no espaço, a Okôto: Espiral da Evolução, de Goya Lopes", reflete Adson Brito.

As exposições temporárias também ocupam a capela de Nossa Senhora da Conceição, que foi dessacralizada depois que ofícios religiosos deixaram de ocorrer ali. No total, o MAM é composto pelo Parque de Esculturas, Galeria de Arcos, Espaço Lina de Arte Popular, Cine MAM e as galerias. O local é palco de manifestações artísticas como o Jam no MAM. A rádio A TARDE FM também já realizou edição especial do Conversa Brasileira de Verão no espaço. E o conjunto oferece, ainda, residências artísticas e possui um Núcleo de Oficinas bastante procurado.

Para fazer o antigo solar colonial abraçar a vanguarda do MAM, Lina Bo Bardi reestruturou e ressignificou as edificações do complexo sem desrespeitar a potência da construção secular imponente banhada pelo mar.

APONTE A CÂMERA DO CELULAR E ACESSE CONTEÚDOS DO A TARDE MEMÓRIA



* COLABORARAM ANDREIA SANTANA E TALLITA LOPES

* OS TRECHOS RETIRADOS DAS EDIÇÕES HISTÓRICAS DE A TARDE RESPEITAM A GRAFIA DA ÉPOCA

MATERIAL ELABORADO COM BASE EM EDIÇÕES DE A TARDE E ACERVO DO CEDOC A TARDE

Cedoc A TARDE / 26.5.1960



Edição traz o risco de derrubada para passagem de via

Cedoc A TARDE / 27.5.1960



A TARDE fez grande campanha para salvar solar